

**Analice Dutra Pillar**  
**Maria Helena Wagner Rossi**  
**Fabiane Villela Marroni**  
Organizadoras



**DIÁLOGOS  
ENTRE  
EDUCAÇÃO  
E ARTE**

**GEARTE 25 ANOS**

EDITORA TEXTOS

**Analice Dutra Pillar | Maria Helena Wagner Rossi |  
Fabiane Villela Marroni**

Organizadoras

**DIÁLOGOS  
ENTRE  
EDUCAÇÃO  
E ARTE**  
GEARTE 25 ANOS

EDITORA TEXTOS

Copyright © GEARTE, 2022

## **Editora Textos** [desde 2005]

Contato: editoratextos@gmail.com

www.editoratextos.com.br

Pelotas, RS

Os dados e a completude das referências e figuras dos capítulos são de inteira e única responsabilidade de cada autor(a).

**Projeto gráfico e diagramação:** Textos projetos editoriais

**Capa:** Umbelina Maria Duarte Barreto

### **Presidente do Conselho Editorial**

Marcos Villela Pereira

### **Conselho Editorial**

Ana Claudia Mei Alves de Oliveira (PUC-SP) • Anamélia Bueno Buoro (CPS-PUCSP) • Eric Landowski (CNRS | França) • João Ciaco (CPS-PUCSP) • José Luiz Fiorin (USP) • Marcelo Machado Martins (UFPE) • Moema Rebouças (UFES) • Yvana Fechine (UFPE)

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Diálogos entre educação e arte [livro eletrônico] : Gearte 25 anos /  
organização Analice Dutra Pillar, Maria Helena Wagner Rossi,  
Fabiane Villela Marroni. -- Pelotas, RS :  
Editora Textos, 2022.  
PDF.

Vários autores.  
ISBN 978-65-999045-0-9

1. Artes 2. Educação 3. Gearte – História 4. Professores –  
Formação I. Pillar, Analice Dutra. II. Rossi, Maria Helena Wagner.  
III. Marroni, Fabiane Villela.

22-132760

CDD-370.1

### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Educação e arte 370.1

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

# **O CONTEXTO FEMININO DE LUTAS A PARTIR DAS HISTÓRIAS DE MULHERES NAS IMAGENS DE UMA GUERRA**

*Rita Inês Petrykowski Peixe*

*Analice Dutra Pillar*

## **Introdução**

De modo a situar o leitor, antes de darmos início ao que ensejamos tratar nesse artigo, cabe uma nota introdutória, no sentido de esclarecer acerca da sua produção e divulgação. Trata-se de um material escrito no ano de 2017 e destinado à participação em um evento em Lleida (Espanha) por ocasião das VI Jornadas de Histórias de Vida. Por não ter sido publicado à época, optamos por submetê-lo ao livro comemorativo dos 25 anos do GEARTE, entendendo que ele tem uma estreita relação com as pesquisas desenvolvidas no Grupo, aportando importantes contribuições às discussões históricas e da atualidade. Assim, o que vamos apresentar aqui traz alguns elementos e excertos dos estudos empreendidos, principalmente oriundos de materiais escritos sobre a presença feminina na Guerra Sertaneja do

Contestado, dentre eles o capítulo publicado na Revista do Núcleo de Documentação Histórica da UFPEL no ano de 2017 (PETRYKOWSKI PEIXE; PILLAR, 2017). Nele, são detalhadas as questões relacionadas à participação das mulheres no movimento do Contestado.

A partir de uma breve mirada, se pode perceber que a literatura, a arte e a mídia, em todos os tempos, têm se ocupado em tornar públicos os incontáveis relatos, imagens e ações de homens e mulheres que fizeram e fazem parte do universo popular, explícitas e representadas a partir do visto e do não visto, do real e do imaginado, do sentido e do projetado. Nelas, o feminino aparece como uma presença nebulosa, quase esquecida, romantizada, sensualizada ou ainda secundarizada, em contextos predominantemente masculinos, como nos aponta Pujadas (2000, p. 128-9) quando afirma que:

Como toda la literatura feminista no nos deja de recordar, la producción intelectual de las ciencias sociales ha servido para caracterizar a las sociedades desde el punto de vista casi exclusivo de los varones adultos, especialmente de aquellos pertenecientes a las élites políticas, económicas o culturales.

Da mesma forma, em situações de guerra, não há como descrever um quadro dessemelhante, considerando que esta sempre foi uma empresa masculina. O registro histórico, tanto escrito quanto visual da Guerra Sertaneja do Contestado, dá conta de uma intensa atuação de mulheres, as quais são comumente denominadas “virgens<sup>1</sup> videntes”, “santas”, “líderes”, ou ainda simplesmente mencionadas como pertencentes a certo homem, referindo-se à companheira de um chefe sertanejo, de um coronel ou ainda de um fazendeiro da região. O que essas imagens referenciam? Como dialogam com os contextos da

---

<sup>1</sup> O emprego do termo virgem nem sempre está relacionado à condição sexual da moça (conforme VALENTINI, 2003).

guerra? Que conteúdos dessas e de outras imagens nos possibilitam compreender acerca do universo feminino de lutas na atualidade e da atuação das mulheres em defesa dos seus direitos? Quais elementos das imagens aqui veiculadas podem ser relacionados com a nossa própria história de vida?

Como apontado anteriormente, as reflexões aqui propostas derivam das investigações e produções (PETRYKOWSKI PEIXE, 2006; 2012; 2017) já realizadas sobre as imagens da Guerra Sertaneja do Contestado e as histórias das mulheres que participaram ativamente do conflito, das quais pouco se referencia em documentos históricos que, na maioria das vezes, as caracterizam como figuras secundárias nas narrativas sobre a Guerra e também nas próprias imagens que retratam os aspectos desse episódio e seus personagens.

Incluimos, ainda, nessa experiência pessoal que discute as questões em torno do feminino: a atuação no Programa Mulheres SIM, do IFSC, no ano de 2015<sup>2</sup> e junto a um curso para mulheres imigrantes haitianas<sup>3</sup>; a palestra proferida em Caçador (SC, Brasil) no chamado Vale do Contestado, no ano de 2015, intitulada “Mulheres solidárias: uma história de lideranças para contestar a violência”<sup>4</sup>, e ainda os relatos biográficos de mulheres rurais da região de Joinville (SC), a partir de conferência em 2017 com exibição de um documentário recentemente produzido, intitulado “O protagonismo feminino na área

---

<sup>2</sup> Programa de Extensão do Instituto Federal de Santa Catarina (Brasil) que tem como objetivo incentivar mulheres sem escolaridade ou com ensino fundamental incompleto, em situação de vulnerabilidade social, a voltarem a estudar e a gerar renda a partir de algumas atividades.

<sup>3</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=a8-JknUoNVg>

<sup>4</sup> <http://www.jornalinforme.com.br/cacador/index.php/editorias/cotidiano/item/2667-reflexao-violencia-contra-a-mulher-foi-tema-de-palestra-na-camara>

rural de Joinville<sup>5</sup> entre outras atividades, as quais têm nos auxiliado, como educadoras, a refletir acerca das condições das mulheres nos diversos contextos da sociedade. É válido ressaltar a importância do contato com essas experiências e relatos biográficos, tanto para quem produz quanto para os participantes, na construção da sua própria história pois, desse modo,

[...] podemos entender que tudo aquilo que aprendo, tudo aquilo que meu corpo apreende – inclusive ideias relacionadas ao meu trabalho docente – não se dá de maneira pura, objetiva, neutra; antes, toma forma em minha mente moldando-se àquilo que vivenciei e que sobrevive em minha mente inconsciente. Percebo o mundo hoje a partir de todas as vivências que minha memória retém. (ALIANÇA, 2011, p. 206).

Assim como os artistas se motivaram a fazer o registro visual do episódio “Guerra Sertaneja do Contestado”, que ocorreu há mais de cem anos, trazendo às suas telas algumas mulheres dele participantes, também os atores sociais aqui representados, foram convidados a selecionar e expressar-se sobre o material imagético de algum evento ou episódio recente envolvendo as lutas femininas.

Portanto, a ideia de apresentar, por meio de imagens, as narrativas sobre o feminino – geralmente marginalizado – em um contexto de guerra, associada a uma experiência de campo que tem como ponto de partida a interpretação e reinterpretação de alguns eventos ou componentes contemporâneos, ou seja, “em torno de determinados fatos ou fenômenos, nos quais se evidenciam valores e padrões culturais [...] de modo a melhor compreender as ações, os conceitos e os valores adotados pelo grupo ou indivíduo em pauta” (LAKATOS; MARCONI, 2009, p. 280) faz parte das proposições que

---

<sup>5</sup> <https://www.joinville.sc.gov.br/noticias/encontro-da-mulher-rural-destaca-representatividade-feminina-na-agricultura/> e o próprio documentário em <https://www.youtube.com/watch?v=PChZrHZIFIE>

empregam as histórias de vida como subsídio investigativo. Nessa direção, as imagens podem ser pensadas (e fruídas) como conteúdos propositivos, elementos de conexão, objetos de sentido que apelam para a memória, considerando que:

A memória é uma experiência histórica indissociável das experiências peculiares de cada indivíduo e de cada cultura. [...] A lembrança remete o sujeito a observar-se numa dimensão genealógica, como um processo de recuperação do eu, e, a memória narrativa, como virada significativa, marca um olhar sobre si em diferentes tempos e espaços, os quais se articulam com as lembranças e as possibilidades de narrar experiências. (SOUZA, 2007, p. 63).

Não se trata, contudo, de uma seleção de imagens, tendo a mulher como personagem central, com o propósito de compilação, de mera especulação do fato ou exibição midiática. Aqui, as imagens são (pre) textos para construção de percursos narrativos, ancorados em saberes, vivências pessoais, subjetividades e significados sociais, determinados e confrontados pelos sujeitos que as selecionam e as interpretam: jornalistas, docentes e discentes, cujas identidades transitam nos ambientes socioeducacionais. Veiculadas nos meios acadêmicos, em livros, informativos e no âmbito das redes sociais, essas imagens são referentes visuais que convidam seus interlocutores a fazerem apropriações e, a partir delas, relatarem as suas próprias experiências, ressignificando-as. Nesse sentido, o acercamento à temática delineada nessa proposta, supõe aproximações significativas aos conteúdos imagéticos disponibilizados e passíveis de construção de valores e crenças em contextos diversos perpassados pelo feminino, pois,

[...] não há futuro para a história das mulheres sem um permanente exercício arqueológico da memória, porque sem ela não se pode construir nem resguardar a identidade. Até porque, a memória é matéria prima da história, e a própria realidade é marcada por



elaborações, interpretações que os sujeitos fazem dela, marcadamente subjetivas. (TEDESCHI, 2014, p. 14).

Tendo tais questões como aportes e objetivando refletir em torno dos discursos sobre as lutas em favor do universo feminino e seus direitos, dispomos, para as aproximações a serem abordadas, três tópicos: o primeiro trata dos conteúdos sobre a atuação das mulheres na guerra do Contestado por meio de imagens/manifestações artísticas e relatos sobre os aspectos e vivência dessas mulheres, descritas em bibliografias que versam sobre o tema. Já o segundo tópico, aborda alguns discursos ancorados em imagens que emergem da luta de mulheres em contextos contemporâneos elaborados por quatro profissionais da área jornalística e três educadores, os quais foram convidados a fazer a seleção de imagens e construir discursos acerca das questões femininas e, a partir delas, incluírem nesses cenários, as suas próprias histórias de vida. O terceiro tópico relata as percepções de quatro alunas do ensino médio integrado do Instituto Federal de Santa Catarina (Itajaí), as quais, tomando contato com as três imagens das mulheres do Contestado e as sete imagens selecionadas pelos profissionais convidados, tiveram a oportunidade de construir diálogos e aproximações, dando às imagens observadas o seu próprio sentido, com base nas suas vivências e experiências. Por fim, a partir do material apresentado, ensejamos estabelecer algumas conexões com as dimensões dos estudos que temos empreendido e com a nossa própria atuação profissional.

Interessa compreender que as imagens aqui apresentadas – quer seja das produções artísticas que versam sobre as mulheres participantes da Guerra do Contestado ou daquelas imagens veiculadas pelas mídias, selecionadas e discutidas pelos atores sociais convidados e (re) apresentadas aos alunos para sua intervenção –, são um convite à

reflexão, servindo de pretexto para pensarmos na nossa própria história de mulheres educadoras e nas histórias das muitas mulheres ao redor do mundo e de suas lutas em favor da causa feminina. Desse modo, para fazer (e pensar) história, como nos convida Albuquerque Júnior (2007) quando homenageia o grande poeta Manuel de Barros (1916-2014), esse importante poeta brasileiro:

[...] não é necessário se afastar do mundo, das coisas, das pessoas, mas estar tão próximo delas que já não saibamos quando começa o eu e o outro, o eu e o eles. [...] é preciso não estar alheio a nada, é preciso estar envolvido pela vida, estar misturado com as pessoas e as coisas, para existir nelas. (2007, p.89).

### **A presença das mulheres na Guerra: o universo militar sertanejo inclui o feminino**

No decorrer dos estudos que vimos empreendendo acerca das imagens artísticas de conteúdo histórico, algumas aproximações dão conta das formas como os artistas que “ilustram” a Guerra Sertaneja do Contestado têm se expressado e quais têm sido as suas referências de pesquisa, tendo como ancoragem a Guerra do Contestado, “disputa de uma faixa de terras localizada entre os rios Negro, Uruguai, Iguazu e a Argentina” (FELIPPE, 1995, p. 7), ocorrida entre 1912 e 1916 em uma região juridicamente contestada pelos Estados do Paraná e de Santa Catarina, no Brasil<sup>6</sup>.

No que se refere à participação feminina na Guerra, por meio de imagens cabe aqui estabelecer algumas aproximações e um breve mapeamento da presença mulheril, principalmente aquele oriundo dos artistas, que se confrontaram com o desafio do registro visual da guerra, na tentativa de compreender que, para além das lideranças

---

<sup>6</sup> Para maiores informações acessar a tese: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/139418>

masculinas, no espaço sertanejo do Contestado, elas estavam presentes e, por meio dessas imagens produzidas, estabelecer relações com situações das mulheres na atualidade, principalmente aquelas comprometidas com a defesa dos direitos femininos.

Qual seria, todavia, a razão para se trazer à tona um evento cuja distância temporal resulta em mais de cem anos, para, com isso, provocar encadeamentos e percepções que tratam das mulheres no contexto contemporâneo? Uma justificativa plausível é, sem dúvida, a oportunidade de possibilitar visibilidade àquelas “mulheres do Contestado”, pela sua coragem e determinação, pelo seu papel à frente de tropas, pela sua resistência e pelo seu sentido de “luta”, historicamente atualizados, tendo em conta que:

Nem nação, nem classe social, nem partido político, nem minoria ativa, as mulheres veem sua história dissolvida na história dos homens. Isso é verdade em tempos de paz. E é muito mais verdade em tempos de guerra, nos quais os homens ocupam mais ainda o centro da cena e, por conseguinte, escrevem a história, a história deles. (QUETÉL, 2009, p. 5).

Há um número significativo de imagens que fazem alusão a aspectos da Guerra do Contestado e seus personagens. É provável que, em nenhum outro registro de guerra, na história do Brasil, haja narrativas com menção à presença de tantas mulheres como nesse episódio. Também entre as iconografias produzidas pelos artistas, a participação das mulheres é expressiva, como é o caso da “virgem” Teodora, de Francisca Roberta (a Chica Pelega) e ainda das imagens que referenciam a virgem Maria Rosa – essa última mencionada de maneira recorrente – sendo retratada das mais diferentes formas.

No que se refere ao conteúdo escrito e descrito pelos livros, muitas questões e passagens poderiam ser destacadas. Todavia, cabe aqui uma ênfase maior àquelas para as quais foram produzidos o maior número de imagens [entre elas] as narrações que aludem à “virgem” Maria

Rosa, personagem singular no evento do Contestado, cuja menção é feita na grande maioria dos livros que tratam do episódio e a quem os artistas parecem dedicar um capítulo especial na sua produção. (PETRYKOWSKI PEIXE, 2012, p. 194).

Maria Rosa é uma das mulheres mais mencionadas em livros e materiais que versam sobre a Guerra do Contestado. Sua história singular relaciona-se às visões e aparições que faziam parte da cultura oral sertaneja por meio dos “causos” que se disseminavam entre aquela população, principalmente pela grande devoção ao Monge<sup>7</sup>. Desse modo, “enlevada naquele ambiente, a bela e inteligente filha Maria Rosa [de Eliasinho e Dulcia], de 15 para 16 anos de idade, certo dia, no meio das orações, cai em transe, sobressaltando a família que se precipitou a ampará-la” (FELIPPE, 1995, p. 145).

É nesse contexto que tem início a liderança de Maria Rosa, comandante geral do Reduto<sup>8</sup> de Caraguatá, cuja voz de comando era cumprida respeitosamente pelo povo, pois, como representante da vontade do monge, conhecia os seus desejos secretos (VINHAS DE QUEIROZ, 1966, p. 168). Assim, acompanhada de outra virgem de menor vulto, recebia as ordens sagradas do Monge José Maria, conforme nos é explicitado por Auras (1984, p. 86-87):

Maria Rosa, com frequência, permanecia longo tempo em um quarto escuro, de onde saía com as ordens transmitidas pelo monge [...] essas ordens eram primeiramente discutidas por um grupo de pessoas que faziam as vezes de um “conselho”. Isso ocorria para que, posteriormente, tais ordens fossem transmitidas à irmandade, que se reunia em torno do Quadro Santo<sup>9</sup>.

---

<sup>7</sup> Figuras míticas em torno das quais os sertanejos mantinham a devoção e a quem a população respeitava como santos.

<sup>8</sup> Redutos, também denominadas cidades santas, eram as formações, núcleos populacionais que reuniam o povo sertanejo.

<sup>9</sup> Refere-se a uma formação quadricular associada a um ato religioso em que os fiéis sertanejos se organizavam e cada um ocupava um espaço.

Sobre como Maria Rosa era fisicamente, não há descrições coerentes. Alguns escritores a referenciam como a Joana D'Arc do sertão, porque combatia montada em um cavalo, empunhando uma bandeira (VINHAS DE QUEIROZ, 1966). Isso pode ter sido uma informação importante para o artista Willy Alfredo Zumblick (1913-2008), ao produzir a obra intitulada *Maria Rosa Alegoria* (Fig.1A), de 1982, que alude a uma heroína sobre seu cavalo, cingida de uma aura mística, tendo a admiração e o carinho do povo à sua volta. Essa é talvez a primeira imagem que descreve essa personagem, em meio a tantas outras, que nos revelam a força da figura feminina no contexto da Guerra. Vinhas de Queiroz (1966), assim descreve Maria Rosa:

[...] loura, cabelos crespos, pálida, alegre e de extraordinária vivacidade, não sabia ler nem escrever, mas falava com desembaraço. Andava amiúde com um vestido branco, enfeitado de fitas azuis e verdes e de penas de pássaros, de todos os matizes, em profusão. Era ela quem, nas procissões, marchava à frente, carregando uma grande bandeira com a cruz verde [...]. Em geral o povo dos redutos considerava Maria Rosa uma santa e julgava que ela “tudo sabia”. Cumpria o povo, religiosamente, as ordens que dela emanavam. (VINHAS DE QUEIROZ, 1966, p. 167-168).

Em Machado (2004, p. 122) há o registro de que sob seu comando-geral, havia ainda outros comandos específicos: “os de forma, de guarda, de piquetes de briga, de reza e de abastecimento”. O ataque a Caraguatá, um dos combates mais ferozes da guerra, foi vencido pelos pelados<sup>10</sup>, sob a liderança de Maria Rosa, o que fez com que todos acreditassem na invencibilidade do Exército Encantado do Monge José Maria. Ante os presságios de Maria Rosa, os sertanejos foram alertados acerca de um novo ataque e o desejo de mudança de reduto, o que foi apressado por uma epidemia de tifo. “Em Bom

---

<sup>10</sup> Expressão utilizada para designar os sertanejos, em razão das suas cabeças raspadas, diferentemente dos militares.

Sossego, Maria Rosa ainda desfrutou de seu prestígio por mais algum tempo. Para muitos, quando Maria Rosa deixou de ser ouvida, o movimento tomou outros rumos” (VALENTINI, 2003, p. 120).

Com base nessas descrições, bem como nos depoimentos e relatos, no caso de não haver imagens ou fotografias que serviram como referência investigativa para os artistas que retrataram o conflito, os elementos textuais foram tomados das narrativas dos livros e transformados por eles em imagens, a exemplo das pinturas de Dea Reichmann. A artista propõe a “sua” Maria Rosa loura (Fig.1B), a partir das descrições de Vinhas de Queiroz (1966) apresentando-a como uma menina guerreira, com a bandeira em punho. “Outros artistas criaram a imagem de Maria Rosa [...] metaforizada como uma ‘santa’ em oração, rodeada de sete anjos ‘pelados’, realizada a partir de um poema” (PETRYKOWSKI PEIXE, 2012, p. 197), como é o caso da pintura produzida pelo artista Leandro Vitto (Fig.1C).

Embora já tenhamos um levantamento significativo, os estudos que aludem à presença das mulheres em meio à Guerra Sertaneja do Contestado ainda estão sendo desenvolvidos. Todavia, essas narrativas do feminino ganham expressividade e nos convidam a rememorar o episódio, quando referenciam a importância da participação mulheril naquele contexto, sobretudo ao enfatizar as suas lutas e mostrar a força das mulheres em uma época marcada pelo inconformismo de uma população sertaneja, marginalizada e esquecida em meio a um território contestado, em uma região significativa do estado de Santa Catarina, no Brasil.

**Figura 1.** Referências às imagens de Maria Rosa (diversos artistas: 1A Willy Alfredo Zumblick; 1B Dea Reichmann e 1C Leandro Vitto)



Fonte: acervo das autoras.

### **O contexto das imagens nas lutas femininas contemporâneas: apropriações e aproximações**

No tópico anterior, tratamos de apontar aspectos que trazem a figura da mulher no contexto de guerra e, por meio de imagens, oportunizamos o (re) conhecimento da presença feminina acerca do episódio do Contestado. Antes, porém, de propormos aproximações às questões contemporâneas, faz-se necessária uma observação para situar ao que nos referimos quando utilizamos a expressão “lutas” femininas.

A menção que fazemos às “lutas” evidencia que o sentido dessa palavra vai além da ideia de conflito, embate ou ainda de disputa (não que esses elementos comumente não estejam presentes quando o assunto trata da promoção de autonomia). Entretanto, nesse caso, o “lutar” também está relacionado ao esforço empreendido para superar algo, o entusiasmo e energia com que se abraça uma causa, a emancipação, a ideia afirmativa do assumir uma posição em meio às adversidades, considerando a intensidade de uma intenção.

Com a pretensão de que fossem desenvolvidas narrativas das lutas femininas por meio da seleção de uma imagem e, a partir dela, houvesse o relato da sua própria experiência, cada um dos sete

profissionais, sendo quatro jornalistas e três educadores, foram convidados a participarem dessa proposta. A proposição consistiu na seleção livre de uma imagem que representasse as “lutas femininas na atualidade” seguida de uma justificativa acerca do sentido da escolha. Após o atendimento à proposta, foram encaminhadas a cada um dos convidados duas outras questões, sendo que a primeira deveria tratar das relações que poderiam ser estabelecidas entre a imagem escolhida e a história pessoal de vida e, a segunda, dizia respeito ao que, na imagem, enfatizava o feminino e suas relações com o contexto educativo. Diante do que foi apontado, podemos compreender que:

Frente às imagens, procuramos um ponto de partida que nos possa indicar – inevitavelmente – o lugar de onde olhar ou, ainda, o “lugar” que queremos ocupar para criarmos as interlocuções. Isso significa que, ao interagirmos com obras [imagens], assumimos posições, determinados pontos de vista. Trata-se de um processo de (re) conhecimento e (re) construção, um desafio que convida a nos abandonarmos permanentemente a uma nova experiência. (PETRYKOWSKI PEIXE, 2012, p. 207).

Se o cenário deflagrador para esses estudos foram as imagens que aludem à presença de mulheres na Guerra do Contestado, os relatos e experiências oriundos das distintas imagens apresentadas pelos participantes, profissionais que atuam na esfera jornalística e educadores, dão conta da importância dessas vozes que ecoam em meio aos contextos femininos de “lutas” na contemporaneidade. A justificativa para escolha desses profissionais é a de que ambos, jornalistas e educadores, utilizam as imagens como forma de comunicação, como conteúdos para veicular informações ou ainda aquelas disponibilizadas em redes sociais como elementos de trabalho.

Voices como a de Ângela Bastos, que nos traz depoimentos e conteúdo visual (Fig.2A) de agricultoras, utilizados como material para a reportagem intitulada “Sozinhas: histórias de mulheres que sofrem



violência no campo”<sup>11</sup>, na qual são apresentados relatos e imagens de solidão, agressões e humilhações vividas por mulheres da área rural. Ela, sendo jornalista, filha de agricultores e pautando sua trajetória profissional nas questões ligadas aos direitos humanos, apresenta seu comentário, com base no registro visual e no depoimento da mulher ali retratada:

*– Essa imagem representa uma espécie de guerra. Só não o é porque uma guerra exige combatentes de ambos os lados. Nesse caso, a superioridade física é maior, os conceitos calcados em uma cultura machista e a invisibilidade são tão fortes que se torna impossível usar o termo guerra. Então, é uma guerra de um lado só; onde as vítimas são mulheres que vivem no campo, agricultoras submetidas às violências praticadas no espaço doméstico por seus ex-namorados, maridos. Essa mulher mostra um braço quebrado e cicatrizes feitas pelo fio do facão. (Angela Bastos).*

Já o jornalista Amílcar de Oliveira traz para discussão a imagem que veicula a Marcha das Mulheres em Washington (EUA) em janeiro de 2017 (Fig.2B) e, sobre seu conteúdo, acrescenta que a imagem:

*– aponta elementos sem os quais qualquer luta contra a opressão é impossível - e não apenas a luta feminista. Mas há um dado comum a todos, além do fato de estarem em cartazes empunhados por mulheres [os] símbolos de corpos que se movem. Corpos que exigem o fim de todas as formas de opressão. Mas corpos que têm consciência. A consciência de que apenas a partir da compreensão da importância dos elementos classe, raça e gênero será possível dar fim ao capitalismo, ao racismo e à misoginia, estes como subprodutos criados ou aprofundados por aquele, e que o alimentam. (Amílcar de Oliveira).*

Ancorado nessas proposições, Amílcar traz aspectos da sua própria história de vida, ao estabelecer vínculos pessoais com a imagem:

*– Como homem negro, passei boa parte da vida reproduzindo clichês sexistas, machistas, embora sentisse na pele o racismo e me incomodasse com isso. Até começar a me envolver com partidos políticos e movimentos sociais, a ler mais sobre as questões de gênero, raça e classe. A democratização do Brasil e os consequentes desdobramentos das lutas da sociedade civil colocaram esses temas cada*

---

<sup>11</sup> A reportagem na íntegra pode ser acessada em: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/nos/noticia/2017/07/sozinhas-historias-de-mulheres-que-sofrem-violencia-no-campo-apresenta-relatos-de-solidao-agressoes-e-humilhacao-9829930.html>.

## O contexto feminino de lutas a partir das histórias de mulheres nas imagens de uma guerra

*vez mais na pauta das liberdades democráticas. Desde então, a crítica àqueles clichês sempre está presente, o que não quer dizer que eventualmente não sejam reproduzidos. A imagem escolhida junta os três elementos que me acompanham desde a "tomada de consciência": gênero, raça e classe. (Amílcar de Oliveira).*

No que diz respeito ao contexto educativo, Amílcar enfatiza o poderoso caráter pedagógico dessa imagem, sendo que o pedagógico aqui não se restringe ao contexto de sala de aula:

*– Ele estende-se aos ambientes de trabalho, aos lares, à rua, enfim, a toda a sociedade. Raras vezes este poder estere tão vinculado à mudança da sociedade, não só pela pauta da inclusão, mas, muitas vezes, pela exigência de mudança do próprio sistema que oprime. Este é um momento em que muitas demandas reprimidas estão vindo à tona [...] Mas o processo de aprendizado não é feito sem rupturas, principalmente em uma sociedade tão desigual. (Amílcar de Oliveira).*

A luta que se trava no Brasil, atualmente, no que se refere à defesa dos direitos das mulheres é intensa, considerando que as leis em favor desses direitos são recentes e foram motivadas, entre outros fatos, pela denúncia de uma mulher – Maria da Penha. De maneira semelhante ao que nos propõe Ângela Bastos, a jornalista Juraci Salete Perboni apresenta a imagem dessa mulher (Fig.2C) e coloca:

*– Maria da Penha Fernandes, 71 anos. Uma mulher que tornou a sua luta pessoal, uma luta de todas as mulheres. Em 1983, a vida de Maria mudaria para sempre: o marido, Marco Antonio Herédia Viveiros, disparou um tiro a queima roupa nas suas costas e ainda tentou eletrocutá-la. Ela ficou paraplégica. Naquele momento, era só mais um número nas estatísticas da violência doméstica. Mas, Maria chamou a atenção para a gravidade do que acontecia diariamente nos lares brasileiros [...] É nesse contexto que sua imagem tem a força de transformar a violência individual - muitas vezes vivida na solidão de quatro paredes - em um problema da sociedade brasileira. (Juraci Salete Perboni).*

Juraci acrescenta que esse ato de coragem pela luta coletiva deflagrou a criação da Lei 11.340 que leva o seu nome. Reforça o poder da educação que oportuniza avanços e reconhece a necessidade de um sistema judicial mais firme e eficiente frente a essa forma de violência.

– “*Maria da Penha fez a sua parte e ensinou a todas nós que somos donas do nosso corpo e das nossas vidas. Ela é uma inspiração para a continuidade da luta pelos nossos direitos*”. (Juraci Salete Perboni).

No Brasil, há inúmeras publicações que apresentam dados alarmantes sobre a violência contra a mulher, como é o caso do Dossiê Violência Contra as Mulheres<sup>12</sup>, que afirma que cinco mulheres são espancadas a cada dois minutos no Brasil ou ainda o Mapa da Violência<sup>13</sup> – homicídios contra mulheres (WAISELFISZ, 2015, p. 11), dentre outros documentos. Diante dessa realidade, a jornalista endossa que:

– *São dados assustadores e a imagem da Maria da Penha trouxe a importante contribuição de mostrar que esse tipo de criminoso é muito presente na vida de muitas mulheres. No entanto, não houve nenhum avanço na Educação para famílias, homens e mulheres sobre o direito de ser mulher. Não houve nenhum avanço por parte do Estado e dos governos; não houve avanços por parte do sistema de segurança e do Judiciário. Mesmo com o número diário dessa violência, o sistema favorece a impunidade*. (Juraci Salete Perboni).

Para Juraci, a educação pode contribuir no sentido de oportunizar reflexões e posicionamentos na luta contra a submissão e objetificação das mulheres, no enfrentamento à negligência e à impunidade em situações de violência, de maneira que as mulheres tomem conhecimento da importância da denúncia, amparadas por essa lei.

---

<sup>12</sup> <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/o-dossie/>

<sup>13</sup> Segundo o Mapa da Violência: “Entre 2003 e 2013, o número de vítimas do sexo feminino passou de 3.937 para 4.762, incremento de 21,0% na década. Essas 4.762 mortes em 2013 representam 13 homicídios femininos diários. Levando em consideração o crescimento da população feminina, que nesse período passou de 89,8 para 99,8 milhões (crescimento de 11,1%), vemos que a taxa nacional de homicídio, que em 2003 era de 4,4 por 100 mil mulheres, passa para 4,8 em 2013, crescimento de 8,8% na década”. Para informações adicionais consultar: WAISELFISZ, Julio Jacobo, Mapa da Violência MAPA DA VIOLÊNCIA 2015 – Homicídio de Mulheres no Brasil, disponível em: [http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/MapaViolencia\\_2015\\_mulheres.pdf](http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf).

E, no âmbito legal, há ainda outras questões que envolvem as lutas femininas, como é o caso da imagem apresentada pela jornalista Beatrice Gonçalves, na qual são retratadas as senadoras da oposição que conseguiram suspender a votação da reforma trabalhista no dia 11 de junho de 2017 (Fig.2D), sofrendo uma série de retaliações – inclusive com as luzes do plenário apagadas, durante o tempo em que ocuparam a mesa do senado. Beatrice acrescenta que, para ela:

*– Foi um dos atos mais contundentes realizados em defesa dos trabalhadores e contra as reformas. Em apoio ao ato, muitas mulheres postaram nas redes sociais comentários "lute como uma mulher". O protesto foi conduzido pelas senadoras Gleisi Hoffmann (PT-PR), Fátima Bezerra (PT-RN), Ângela Portela (PT-ES), Vanessa Grazziotin (PCdoB-AM), Lídice da Mata (PSB-BA), Regina Sousa (PT-PI) e Kátia Abreu (PMDB-TO). (Beatrice Gonçalves).*

A atitude dessas mulheres contradiz o que comumente se ouve, segundo a jornalista, de que a política não é lugar para mulheres, sendo que esse ato incisivo refere-se a um momento importante que diz respeito à negação ao golpe. “Eu entendo que [fatos como] a derrubada da presidente Dilma estão diretamente relacionados com a questão de gênero”. Isso, conforme a jornalista, demonstra a participação ativa das mulheres na política, sua força e consciência das lutas de seu tempo.

Outras lutas também foram representadas nas contribuições dos educadores, cujas imagens retrataram aspectos da vida atual, no que se refere à mobilização de estudantes durante o movimento de ocupação das escolas<sup>14</sup>, na Marcha Internacional das Mulheres ocorrida em Florianópolis (SC)<sup>15</sup> ou ainda nos contextos simbólicos que dizem

---

<sup>14</sup> Ocupações de escolas: entenda. Disponível em: <http://www.politize.com.br/ocupacoes-de-escolas-entenda/>.

<sup>15</sup> Marcha Internacional de Mulheres: vozes do mundo por direitos e contra violência. Disponível em: [anoticia.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/2017/08/marcha-internacional-de-mulheres-vozes-do-mundo-por-direitos-e-contra-violencia-9859790.html](http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/2017/08/marcha-internacional-de-mulheres-vozes-do-mundo-por-direitos-e-contra-violencia-9859790.html).

respeito à demarcação das terras indígenas<sup>16</sup>. A primeira imagem (Fig.3A) proposta pelo professor Leonardo da Silva “viralizou”, segundo informações da própria reportagem<sup>17</sup> que traz uma adolescente que resistiu e lutou contra a brutalidade policial. Para o professor, a imagem:

– [...] representa o cenário de luta atual no contexto brasileiro no que diz respeito ao retrocesso que estamos vivenciando. Se por um lado existe pouca mobilização dos profissionais da educação, vejo que, em muitos contextos, são os alunos que estão fazendo a “revolução” (a exemplo do movimento de ocupação das escolas). (Leonardo da Silva).

**Figura 2.** Conjunto de quatro imagens selecionadas pelos jornalistas participantes



Fonte: 2A Felipe Carneiro/Agência RBS; 2B José Luís Magana; 2C Instituto Maria da Penha; 2D Pedro Ladeira/Folha Press Agência Brasil.

Como professor e acadêmico na área de ensino e aprendizagem, Leonardo acredita em um modelo educacional que vá além da conscientização, tendo impacto efetivo na vida dos alunos. Para ele, que traz a perspectiva pedagógica de Paulo Freire para ancorar seus argumentos, a educação objetiva promover a justiça social, com

<sup>16</sup> Parecer aprovado por Temer é retrocesso na demarcação de terras indígenas, diz MPF. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2017-jul-21/parecer-retrocesso-demarcacao-terras-indigenas-mpf>.

<sup>17</sup> A história por trás desta foto viral contada pela própria estudante que desafiou o policial. Disponível em: [https://www.buzzfeed.com/alexandreorrico/estudante-conta-como-foto-foi-tirada?utm\\_term=.bomxgd3zBJ#.rv3MpAgRlb](https://www.buzzfeed.com/alexandreorrico/estudante-conta-como-foto-foi-tirada?utm_term=.bomxgd3zBJ#.rv3MpAgRlb).

estudantes críticos, que possam agir sobre a realidade, de forma a diminuir o sofrimento próprio e alheio. Com relação ao contexto feminino e à educação, o professor aponta que o movimento de ocupação das escolas, no segundo semestre de 2016, foi um marco importante, fortemente protagonizado por mulheres, dando origem a um documentário<sup>18</sup> intitulado “lute como uma menina”:

– *São noss@s alun@s que estão mostrando para a sociedade e para a escola (que é tradicionalmente machista, homofóbica, racista, etc) que um outro modelo de sociedade é possível. Que mulheres também são fortes e que são capazes de liderar e agir criticamente sobre a realidade.* (Leonardo da Silva).

Na imagem escolhida pela professora Melina Chiba Galvão, as lutas estão representadas na Marcha Internacional das Mulheres (Fig.3B), ocorrida em Florianópolis (SC) no início do mês de agosto. Para ela, essa luta não é singular e sim plural pois mostra a diversidade das mulheres que se (re) inventam e enfrentam:

– *[...] o patriarcado, o sexismo, o machismo, a heteronormatividade. Somos mulheres brancas, negras, cisgênero, transgênero, quilombolas, rurais, mães, lésbicas, bissexuais, trans, que querem abortar, que querem ter filhos, que querem ser livres.* (Melina Chiba Galvão).

Apresentada pelo Portal Catarinas<sup>19</sup>, segundo a professora, a imagem captura a essência da luta sonora, criativa, colorida e diversa das mulheres, “concordando com um dos cartazes da marcha ‘Ou a revolução será feminista. Ou não será!’” (Melina Chiba Galvão).

Sua história de vida também é marcada por essa luta pois ela afirma ser feminista desde criança, a partir do momento que percebeu, dentro da sua própria casa, a desigualdade de gênero. A percepção de todas as formas de machismo, desde as mais violentas até as mais sutis

---

<sup>18</sup> Documentário enaltece a luta das meninas nas ocupações em SP. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/geral/educacao-3/indicacao/documentario-enaltece-luta-das-meninas-nas-ocupacoes-em-sp/>

<sup>19</sup> <http://catarinas.info/>

“contribuí para que odiemos a nós mesmas e a outras mulheres”. A professora Melina aponta que o seu caminhar a foi construindo como uma pesquisadora de gênero vinculada à temática ambiental:

*– Hoje me considero ativista independente, do movimento feminista e ambientalista. Porque eu tenho bem claro que o racismo, o sexismo e o especismo, estão conectados ao nosso modo produtivo capitalista e ao nosso modelo de sociedade machista. (Melina Chiba Galvão).*

Outro contexto de luta contemporânea nos é apresentado pela professora Laura Pioli Kremer, quando faz referência às questões da demarcação de terras indígenas (Fig.3C). A imagem tem origem no material visual produzido para a música “Demarcação Já” (letra de Carlos Rennó e música de Chico César)<sup>20</sup> e traz a complexidade da luta das mulheres indígenas pela importância em ser mulher dentro das suas próprias tradições, pela conservação/respeito do homem branco à cultura indígena, suas tradições e crenças e pela retomada das terras de seus ancestrais. *“As atrocidades que são vividas pelos índios são mais cruéis na perspectiva feminina: mulheres que tiveram e ainda têm seus corpos explorados e invadidos pelo ser homem e branco.” (Laura Pioli Kremer).*

A educadora aponta que, na imagem, a presença contrastante das grades pode ser relacionada à prisão cultural imposta pelos homens brancos, que julgam a legitimidade da existência desses povos a partir de uma estrutura social e cultural diversa. Segundo Laura: *“O olhar da menina inocente e pura, que parece não entender a questão, traz à memória a luta das mulheres indígenas”*. Importante considerar que, a partir da ótica feminista, num contexto educacional:

*– a imagem traz uma série de pontos para a reflexão crítica sobre a questão indígena, na tentativa de romper com a visão eurocêntrica predominante nas escolas tradicionais. Pode, também, mediar a reflexão da pouca representatividade das mulheres indígenas nos movimentos de luta feminina. (Laura Pioli Kremer).*

---

<sup>20</sup> Demarcação Já! Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wbMzdkaMsd0>

Laura se reporta à sua própria vivência para situar outros aspectos dessa luta, ao afirmar que:

*– Minha história de vida sempre me colocou do outro lado da grade representada na imagem. Ao longo de toda a vivência escolar (ensino fundamental, médio) e mesmo na graduação e pós-graduação em Biologia, tive a impressão de que a questão indígena estava muito longe da minha realidade e não compreendia a situação dos povos originários brasileiros e do sofrimento de suas mulheres. Saí da escola com pouquíssimo conhecimento e posicionamento crítico sobre a questão indígena no país. Toda a abordagem foi em uma perspectiva eurocêntrica e tendenciosa do "descobrimento" do Brasil (a qual considero uma invasão). Mesmo na universidade, nunca houve reflexão sobre a questão indígena, mesmo quando se tratava de aspectos relacionados às unidades de conservação. A perspectiva conservacionista abordada no curso sempre foi estritamente técnica e ecológica, ignorando a perspectiva social. Dois momentos recentes em minha vida me aproximaram do contexto indígena: a convivência com meu companheiro, que tem formação na área de humanidades, e o (re)encontro com um índio Mapuche chileno, o qual considero meu padrinho. A partir da convivência com essas pessoas pude reconhecer partes de mim, rompendo as barreiras do pensamento eurocêntrico, resgatando parte de minha cultura e minha essência de vida, descobrindo que, inclusive, tenho ascendência indígena por parte de mãe. A partir dessa história recente de minha vida, procuro me aproximar da realidade indígena, visitando aldeias, conversando com diversas etnias. Isso me permite conhecer suas histórias de vida e luta, suas mulheres, suas diversas culturas e meios de vida. Isso, ainda, me sensibiliza sobre a possibilidade de construção de uma sociedade diferente. (Laura Pioli Kremer).*

Assim como os artistas elege elementos e configuram os personagens retratados em suas obras, os atores sociais, ao selecionarem uma imagem para essa proposta, consciente ou inconscientemente, elencam aspectos cuja possibilidade de relações com as suas próprias histórias, crenças e valores apresentam maior afinidade.



**Figura 3.** Conjunto de três imagens selecionadas pelos educadores participantes



Fonte: 3A Alexandre Orrico Equipe BuzzFeed; 3B Catarinas.info; 3C Imagem do filme “Demarcação Já”; Dir. André Dellia (Mobilização Nacional Indígena).

### **Percepções a partir das imagens: pontos de vista, vivências e experiências de alunas do ensino médio**

As percepções e considerações dos atores sociais que destacamos anteriormente, por ocasião da seleção e apresentação das imagens, não passaram despercebidas para o grupo de alunos convidados a interagirem com o material visual. Tendo como proposta apenas a apresentação das dez imagens, suas observações e comentários, as relações entre elas, as afinidades com a sua história e a seleção de uma imagem representativa, os quatro discentes foram reunidos e os diálogos registrados em áudio. Não obstante, cada qual teve a liberdade para desenvolver a sua própria narrativa, tendo apenas o conteúdo visual como fio condutor, apresentado na sequência aqui descrita (Figs. 2A, 2B, 2C e 2D; 3A, 3B e 3C; 1A, 1B, 1C).

Beatriz, Maria, Helena e Niquésia são adolescentes (entre 16 e 17 anos) e estudantes do Ensino Médio, no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), campus Itajaí. No momento da exposição das imagens, observam e conversam deliberadamente sobre o que lhes chama atenção, suas memórias e percepções de cada imagem. A

pertinência dos abundantes diálogos e comentários posteriores à identificação do material visual e as respostas às questões, dão conta do quanto essas discentes estão sintonizadas e se sentem integradas, participantes dos processos – mesmo que algumas imagens lhes pareçam “desconhecidas”. Seleccionaremos, para essa exposição, apenas um comentário em cada uma das propostas.

Durante a apresentação inicial: Sobre a Figura 2A, a discente Maria comenta: “Ela parece estar oprimida e querendo se esconder”. À época, por ter sido comentário de aula, a Figura 2B foi imediatamente identificada e Helena afirmou (diante da força simbólica contida na imagem) “A opressão que vêm acontecendo com as mulheres é forte e precisa ser combatida. Isso não é nada perto da desigualdade e opressão que vêm tomando conta, machucando o gênero feminino”. Admiração e espanto ao verem e identificarem a imagem de Maria da Penha (Fig.2C) reforçando o testemunho de Niquésia “A situação dela foi bem grave. Já lutou muito porque conseguiu essa lei, é uma conquista, uma vitória”. Diante da Figura 2D, a aluna Helena acrescenta “Há um descaso dos homens com elas. Mas elas são o centro... Parece que não querem ouvir o que elas têm a dizer”. Admiração e reconhecimento diante da imagem (Fig.3A), que apresenta um evento vivenciado em inúmeras instituições públicas do Brasil. Diversos comentários e contribuições, ao que Beatriz enuncia: *“É de um governador que mandou fechar as escolas [...] A cadeira é somente um símbolo pois a luta é por coisas muito maiores do que duas cadeiras [...] Ela está lutando por algo que não precisaria lutar porque esse é o seu direito”*. A Figura 3B é seguida pelo comentário de Beatriz *“Eu e Helena fomos, [na UFSC em Florianópolis]. É de um evento grande que reúne mulheres do mundo todo, homens e mulheres. Estava todo mundo lá [e Helena acrescenta] o movimento indígena, o negro, LGBT, tudo! [Beatriz]. Então juntou uma diversidade, força,*

*muíta gente que não precisava estar lá e estava, lutando por seus direitos e debatendo [...]. Não era um evento feminista mas sim um evento social, em todos os sentidos!”*. Impressionadas com a Figura 3C, Helena comenta: *“É no Planalto! Uma manifestação que teve lá por causa da demarcação territorial. Não existe uma lei que protege os indígenas. Os fazendeiros querem ocupar o lugar onde os índios estão. Essa imagem é chocante”*.

Nas imagens que referenciam a Guerra do Contestado (Figs.1A, 1B e 1C) as alunas foram unânimes em afirmar: *“Nossa, bem diferente! Estávamos vendo coisas bem atuais e essas parecem não ser! Todas parecem a mesma mas são diferentes, situações distintas [...] Todas mulheres, lutando por algo [...] guerreiras”*. Muitos comentários, admiração e adjetivos, aludindo a cada uma das três imagens.

Com relação aos aspectos em comum das imagens: *“Em todas aparecem mulheres e em todas está representada a força”* (Beatriz): *“Elas lutando por algo, por elas e por outras”* (Maria) *“Lutas em todos os tempos e hoje ainda se está lutando”* (Niquésia).

Das relações pessoais e com a sua história de vida, contundentes reflexões, como a de Helena:

*– Tem muito a ver comigo, além de eu ser mulher, principalmente a questão de precisarmos lutar. Em todas elas consegui me ver claramente naquela situação de opressão. Eu acho que, como a minha história de vida, todas me trazem a sensação de que ‘ainda não acabou’, de que ainda se precisa lutar e que toda a luta que aconteceu até agora resultou em algumas coisas. Mas ainda não é suficiente e precisamos fazer mais. Talvez um dia melhore, mas essa incerteza dói muito ainda porque podemos perder essas conquistas.* (Helena).

Percepções diferenciadas, vínculos, envolvimento – afinidades –, marcaram essa etapa, que resultou em aproximadamente uma hora de gravação. Diante das imagens que chamaram a atenção, as opiniões se dividem, os adjetivos discorrem e as interlocuções se entrelaçam. Dessa riqueza dialógica, muito se poderia apresentar mas vamos destacar a fala conclusiva de Helena, literalmente transcrita:

– *O que me chamou a atenção é a da marcha nos EUA em conjunto com a de Florianópolis [concordância das demais e risos] porque eu gosto desse tipo de imagem que não traz esperança, porque me motiva a continuar lutando. O que tem de errado me motiva a querer continuar tentando. O que tem de errado me motiva a lutar! Essas imagens representam a força e a luta em tudo o que eu acredito: esse movimento, essa comunidade, esse fluxo de ideias. É tão bonito e tão encorajador!* (Helena).

## **Dimensões e conexões: a luta precisa continuar!**

“As imagens enchem tudo, vivem enquanto falo [...]”. No trecho da composição de Vitor Ramil, “Ilusão da casa”, a importante referência à força viva das imagens, que ampliam a sua dimensão para além do visual e propõem um enfoque de transbordamento e, ao mesmo tempo, de provocação, um convite à memória, pela qualidade do seu conteúdo, por aquilo que podem revelar.

As aproximações e experimentações deflagradas por esse estudo são indicadoras da dimensão dialógica que propositadamente as imagens podem desencadear. Diálogo que continuamente nós, como educadoras da área de arte, ensejamos estabelecer em nossas práticas cotidianas. E porque sabemos que uma imagem não é mera ilustração ou registro visual do fato, mas está impregnada de informações que condicionam a nossa percepção, podemos afirmar que, nela:

Permanentemente, são operadas transformações e ampliações, tanto de quem a produziu como de quem a aprecia, tendo como resultado distintas significações. E, por mais figurativa que uma imagem possa parecer, como é o caso da fotografia, inúmeros elementos estão ali implicados, a começar pelo ponto de vista em que a cena é apresentada, pela seleção e organização dos elementos que a compõem e ainda pelo lugar de onde ela “fala”. (PETRYKOWSKI PEIXE, 2012, p. 148).

Importante considerar que os estudos empreendidos das obras produzidas sobre a Guerra do Contestado nos revelam muito da história, ao mesmo tempo em que dizem muito de arte, de gênero, de classe social, de política, entre outros, tal qual as imagens e narrativas

propostas nesse percurso aqui empreendido, em que cada etapa do trabalho, permeada pelas imagens, cria novos desdobramentos e nos conecta com a nossa condição de mulheres e professoras, com nossas experiências e posicionamentos, que necessitam permanentemente ser ressignificados.

Ao entrevistar o professor Etienne Samain, do Instituto de Artes (IA) da Unicamp, Alves Filho (2012) nos dá um panorama do que o livro “Como pensam as imagens” propõe, ao mesmo tempo em que nos ajuda a pensar no potencial discursivo e problematizador das imagens. Na entrevista concedida a Alves Filho, o professor Samain nos provoca a pensar que:

No mundo de hoje há uma saturação de imagens. Estamos afogados por elas, entretanto, muitas imagens são medíocres. Com isso, somos privados de outras imagens. Temos que saber escolher ou criar imagens capazes de expressar o ser humano, os seus destinos de maneira concreta. Não se trata de gerar um objeto simpático. Trata-se de uma imagem com peso de provocação, de tomada de posição. (ALVES FILHO, 2012, s. p.).

Conforme apontamos nesse estudo, o assunto que tangencia as escolhas e contribuições advindas dessas imagens é um dos aspectos que nos mobiliza a refletir, não sendo, porém, o único. As lutas, nesse caso, são os elementos desveladores das muitas formas de abordagem, das distintas argumentações, dos caminhos pelos quais cada um dos envolvidos optou por seguir, determinando visões dos acontecimentos e imprimindo narrativas pessoais relacionadas à sua própria história de vida. Nesse sentido, as escolhas dos outros são também um convite a cada um de nós, leitores dessas imagens, na tentativa de, por meio delas, pensarmos nas nossas próprias histórias de lutas.

## Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru, SP: Edusc, 2007.
- ALIANÇA, Priscila Seabra. Pesquisa (auto) biográfica e (auto) formação crítica do professor de língua inglesa. *HOLOS*, n. 4, p. 201-214, 2011. <https://doi.org/10.15628/holos.2011.673>. Acesso em: 27 set. 2022.
- ALVES FILHO, Manuel. Muito além da ilustração. *Jornal da Unicamp*, Campinas, n. 550, s. p., dez./dez. 2012. Entrevista concedida a Etienne Samain. Disponível em: [https://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/jornal/paginas/ju\\_550\\_pagina\\_12\\_121218\\_web.pdf](https://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/jornal/paginas/ju_550_pagina_12_121218_web.pdf). Acesso em: 17 jul. 2017.
- AURAS, Marli. *Guerra no Contestado: a organização da irmandade cabocla*. São Paulo: Cortez, 1984.
- FELIPPE, Euclides. *O último jagunço*. Curitiba, SC: Universidade do Contestado, 1995.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia científica*. 5. ed., 2. reimpr. São Paulo: Atlas, 2008.
- MACHADO, Paulo Pinheiro. *Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas*. Campinas: UNICAMP, 2004.
- PETRYKOWSKI PEIXE, Rita Inês. *Retratos do Contestado: a história através da arte*. Caçador: CINESC. 1DVD (37min), son., color, 2006.
- PEIXE, Rita Petrykowski. *Imagens que (re) constroem história: alegoria e narratividade visual da guerra sertaneja do contestado*. UFRGS, 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/139418>. Acesso em: 27 set. 2017.
- PETRYKOWSKI PEIXE, Rita Inês. PILLAR, Analice Dutra. Entre virgens videntes e líderes caboclas: breve estudo sobre a participação das mulheres na Guerra Sertaneja do Contestado. *História em Revista*. Universidade Federal de Pelotas. v. 20, p. 7-24, dez. 2014. Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/HistRev/article/view/12531>  
Acesso em: ago. 2018.

PUJADAS, Juan José. El método biográfico y los géneros de la memoria. *Revista de Antropología Social*, n. 9, p. 127-158, 2000.

QUETÉL, Claude. *Mulheres na guerra*. São Paulo: Larousse, 2009.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto) biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, Antônio Dias; HETKOWSKI, Tânia Maria (org.). *Memória e formação de professores* [online]. Salvador: EDUFBA, 2007. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/f5jk5>. Acesso em: 27 set. 2017.

TEDESCHI, Losandro Antonio. *Alguns apontamentos sobre história oral, gênero e história das mulheres*. Dourados, MS: UFGD, 2014.

VALENTINI, Delmir. *Da cidade santa à corte celeste: memórias de sertanejos e a Guerra do Contestado*. Caçador: Universidade do Contestado, 2013.

VINHAS DE QUEIROZ, Maurício. *Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado: 1912-1916*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil*. Flacso Brasil. Disponível em: [http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/MapaViolencia\\_2015\\_mulheres.pdf](http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf). Acesso em: jul. 2017.

## **RITA INÊS PETRYKOWSKI PEIXE**

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; mestre em Educação; especialista em Arte/Educação. Possui graduação em Educação Artística – habilitação em Artes Plásticas e graduação em Pedagogia: habilitação em Orientação Educacional. Pós-doutorado pela Universidade de Barcelona (2020). Atua como professora de Arte no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), campus Itajaí. Participa do Grupo de Pesquisas em Arte – GEARTE e coordena o Grupo de Pesquisas DZART: estudos de imagem, design, artesanaria e práticas educativas. Tem experiência em ensino, pesquisa e extensão, com ênfase em educação, métodos e técnicas de

## **O contexto feminino de lutas a partir das histórias de mulheres nas imagens de uma guerra**

ensino, permanência e êxito, cultura, arte/educação, ensino da arte, estética e design social, tecnologias sociais, economia solidária e artesanaria.

**Contato:** rita.peixe@ifsc.edu.br

### **ANALICE DUTRA PILLAR**

Professora titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na área de ensino de artes visuais. Doutora e mestre em Artes pela Universidade de São Paulo e graduada em Artes Plásticas pela UFRGS. Realizou pós-doutorado na Universidad Complutense de Madrid. Pesquisadora do CNPq. Coordena o Grupo de Pesquisa em Educação e Arte (GEARTE/UFRGS/CNPq). É editora-chefe da Revista GEARTE.

**Contato:** analicedpillar@gmail.com